

TEATRO PORTUGUÊS

«O RENDER DOS HERÓIS»

— DE JOSÉ CARDOSO PIRES —

PELO TEATRO MODERNO DE LISBOA

«...E a história todos os dias muda de heróis. Todos os dias. Olá. Todos, todos, todos, todos, todos. Ontem uns, amanhã outros... E hoje? Quem são os heróis de hoje?» — assim fala o Doutor Silveira, num momento solitário que a bebida tornou lúcido, na peça de José Cardoso Pires apresentada no Cinema Império pelo Teatro Moderno de Lisboa. Trata-se realmente de um «render de heróis», como um facho que passa de mão em mão, mantendo os portadores no escuro e iluminando afinal quem os manobra e os faz. Esse um dos aspectos da sempre actualidade de «O Render dos Heróis», que o T. M. L. levou à cena.

Publicada em 1960, esta obra de José Cardoso Pires foi muito inteligentemente encenada por Fernando Gusmão — que soube jogar todos os trunfos (sonoplastia, luminotécnica, composição plástica, processos de representação, cenários, etc.), para criar Teatro, aproveitando um texto rico de acção e intencionalidade, valorizando-o cênicamente com a síntese de alguns passos da obra (como o da rendição do Vilar), imprimindo-lhe ainda maior força satírica (como quando movimenta daquele jeito o quarteto «Padre Casimiro», «Doutor Silveira», «Cavalheiro Stanley» e «Macdonnell» no momento em que estão ali para destruir heróis, e não para criarmos lendas a vítimas; e o mesmo quarteto no bailado com as moças, na procura de uma que pudesse substituir uma heroína que conseguia continuar a sê-lo...), dando pinceladas de humor quando tal vinha a-propósito (como quando o retrato do Saldanha faz contraponto a curiosas afirmações...). As dificuldades de passar para o palco uma obra a que o autor chamou «narrativa dramática em três partes e uma apoteose» foram torcadas ou vencidas com pertinente sentido teatral, conseguindo-se apresentar longa série de «quadros» num ritmo certo, vencendo os hiatos com representação à frente da cortina ou

deixando a cena na escuridão durante um lapso de tempo aceitável, para a mutação exigida.

A acção de «O Render dos Heróis» transporta-nos aos anos de 1846 e 1847, quando no Norte do país e, especificamente, no Alto Minho, com o movimento popular da Maria da Fonte, fatos acontecimentos fizeram história no período das guerras miguelistas e do cabralismo. A localização e o desenvolvimento desses acontecimentos escapará porventura ao espectador menos prevenido — mas esse aspecto revela-se de importância menor perante o autêntico significado da peça e a sua intemporalidade. Manejados pelos cordelinhos dos seus interesses, ali vemos os personagens da época, tão facilmente ressuscitados em todas as épocas — sim, que os heróis morrem, mas mantêm-se as circunstâncias em que é necessário continuar a fabricar heróis, para garantia de sobrevivência de todos aqueles títeres da esplêndida apoteose grotesca do final da peça.

Vinte e três actores (em vinte e oito personagens) e bom número de figurantes, movimentam-se nesta peça apresentada pelo Teatro Moderno de Lisboa. De realçar, antes de mais, a interpretação de Rui de Carvalho, em «O Cego», e na qual aquele actor patenteia as suas vastíssimas qualidades, abarcando praticamente, e com notável domínio, toda a gama de representação, incluindo canto e apontamentos de bailado. É um actor em plena posse das suas faculdades, mantendo como que a linha de continuidade da acção desta peça, com segurança, expressão, maleabilidade. José Amaro, Rogério Paulo e Jaime Santos, em grande plano, logo secundados por Fernanda Alves, Tomás de Macedo, Carmen Dolores, Carlos Cabral, Maria Cristina, Ângela Ribeiro (cujo tom de voz não será o mais adequado), Luís Cerqueira, Armando Caldas, Rui Mendes, António Sarmento, Morais e Castro, Fernando Soares, Clara Joana, Luís Alberto, Duarte Manuel, Alexandre Passos, Fernando Gusmão e a voz de Constança Navarro, em papéis de maior ou menor relevo, mas constituindo já um grupo de teatro, pela homogeneidade evidenciada, e mostrando bem uma outra faceta do trabalho apurado do encenador.

Cenários de Octávio Clérigo, com a síntese no tom que melhor se enquadrava, e música de Carlos Paredes, aproveitando a-propósito e da melhor maneira a música da época.

Em síntese: «O Render dos Heróis» proporcionou ao Teatro Moderno de Lisboa um espectáculo digno, actual e actuante, de um grande nível, e que não pode deixar de atrair a atenção (e a presença) de um público que tem de despertar de perigosa letargia, que poderá embotar-lhe os sentidos e o cérebro.

SOUSA MARTINS